

Mulheres e religiosidades: benzedeiras e representações sagradas femininas em Cambé- Pr

Gabriela Cristina Maceda Rubert
(Universidade Estadual de Londrina)

“Por que decaiu a arte de contar histórias?
Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências”.

Ecléa Bosi

Trabalhar com história oral e lidar diretamente com os sujeitos envolvidos na pesquisa histórica, nos possibilita entrar em um universo de histórias íntimas e pessoais, as quais são ricas não apenas para a pesquisa, mas também para a vida pessoal do historiador, já que não são apenas histórias de vida, mas também ensinamentos de vida. O contato com o universo do benzer no município de Cambé propiciou-me belas histórias dos seus moradores e um conhecimento que foi muito além do acadêmico, além de um aprofundamento histórico na questão de gênero inserido no campo religioso.

Para Joan W. Scott a categoria gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo que o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (1990, p. 14). Nessa perspectiva, compreendemos que estudar gênero não significa que estamos tratando de determinismos ou de naturalizar fatos. Mas sim, de relações históricas socialmente construídas e que levaram as mulheres para uma inferiorização. Desta forma, o gênero se constitui em um elemento central nessa pesquisa, isso por que além da identificação gerada pela atuação de benzer e pelo lugar de moradia em comum, os protagonistas desse estudo são mulheres.

Agrupar esses personagens em uma classificação que leva ao gênero se faz importante, pois ainda vivemos em uma sociedade machista e discriminatória, na qual as mulheres encontram-se em situação de exclusão e historicamente expostas

a vários tipos de preconceitos e estereótipos. Além disto, as mulheres desta pesquisa são mulheres de origem pobre e que na maior parte da vida foram trabalhadoras rurais, e que possuem o conhecimento de rezas e de ervas que curam. Desse modo estão inseridas em vários grupos que constantemente são marginalizados e condenados pela sociedade.

Nosso interesse ao analisar os depoimentos, as práticas religiosas, as devoções, os rituais e as memórias dessas senhoras, é perceber o sentido do benzimento para elas. Buscando a constante relação de suas vivências históricas, do lugar e do tempo ao qual pertencem com suas atuais práticas de cura. Estar junto a elas nos fez ver como esse é um trabalho realmente de dedicação raro em uma sociedade racional e capitalista. Nenhuma delas cobra pelos serviços que realizam, e em alguns casos passam tardes intermináveis atendendo a comunidade. Essa dedicação de veras nos instigou mais à pesquisa, aguçando o anseio de conhecer as histórias das simpáticas senhoras.

A procura por benzedeadas para resolver problemas, na maior parte das vezes referentes à saúde, não contrapõe a crença na medicina. Normalmente, a pessoa que pede o benzimento recorre ao médico e à benzedead, pois sua fé religiosa é tão presente quanto seu conhecimento sobre a eficácia da ciência médica, a contraposição que coloca em um extremo o racional ligado sempre a ciência e em outro extremo o irracional ligado à religião, desfoca e prejudica a análise das relações sociais dos sujeitos históricos.

As pessoas estão imbricadas nesse mundo contemporâneo dual, que incorpora e reelabora práticas culturais de temporalidades diferentes, diante de inúmeras possibilidades de crenças os sujeitos elegem aquelas as quais desejam compartilhar e incorporar. Na fala das próprias benzedeadas percebemos as remodelações das relações na atualidade. Em que o acesso a medicina propicia, por exemplo, que elas mesmo indiquem médicos que elas conhecem para as pessoas que as procuram. Além disso, a insegurança social, diante do desemprego, da violência e do uso de drogas, faz com que os pedidos mudem, assim como Giselda da Souza destaca “as benzedeadas usam os símbolos da cultura, aproveitam aquilo que é vivido por nós e colocam o sentido religioso” (SOUZA, 2007:152). Esse

cenário inclusive gera uma devoção maior aos santos relacionados a esses assuntos (por exemplo, quando uma das benzedeadas relata sua devoção a Santo Expedito- o santo das causas impossíveis- por ele ter intercedido por ela para que seus filhos e netos encontrassem emprego). A sociedade mudou e conseqüentemente as relações com a religião também mudaram.

O homem do século XXI invoca a todo tempo a racionalidade enquanto característica evolutiva. Aqueles, portanto, que não recorrem a ciência para desvendar e resolver seus problemas cotidianos, são vistos como atrasados e primitivos. Para os historiadores, sujeitos também desse período racional, embebidos em teorias, conceitos e metodologias, é um desafio captar a sensibilidade e a subjetividade presente nas manifestações religiosas. Devemos constantemente ter cuidado ao caracterizar as práticas religiosas populares apenas como vestígios do passado, compreendendo que esses sujeitos históricos estão inseridos no tempo e no espaço. Para Mircea Eliade as ressignificações dos símbolos no presente não surgem como mero acaso, mas estão ligadas as “tensões e as alternâncias da vida social” (ELIADE, 1979: 25). Percebemos essa pluralidade de tempos, memórias e histórias nas devoções de senhoras benzedeadas do município de Cambé.

As benzedeadas entrevistadas possuem histórias de vida semelhantes. Migraram para o município de Cambé no Paraná, na década de 50, em busca de uma melhoria na condição de vida. Oriundas de Minas Gerais e São Paulo vieram para trabalhar, como tantos outros, na lavoura do café. Além de exercerem as atividades domésticas e cuidarem dos filhos, trabalhavam na roça, auxiliando os familiares e posteriormente o esposo. As dificuldades da época aparecem nas falas, principalmente a falta de assistência nas comunidades rurais, e a dificuldade de se locomover pelas estradas precárias até a cidade. Posteriormente, com a grande gada do café de 1975, elas migraram para o perímetro urbano, trabalharam em outras áreas, reelaboraram as formas de viver, ora preservando algumas práticas oriundas da vida no campo, ora absorvendo práticas novas devido às mudanças da sociedade.

10.4025/6cih.pphuem.519

Duas benzedeadas contaram que aprenderam as orações ouvindo as mulheres da família rezar, e em alguns casos extremos realizarem benzimentos. Inclusive uma delas mantém alguns trechos da oração de benzimento em italiano como aprendeu com sua avó italiana. Ao serem questionadas sobre como e quando elas começaram a benzer, as respostas foram as seguintes:

Ah devia ter lá uns pouco, vinte e poucos anos, é que aconteceu isso, eu tinha os meus filho né, e dai eles começava com febre, com problema de intestino, assim, e dai eu achava que eles teria assim um vento virado ou que eles teria um quebrante, ou um assustado ou uma lombriga, porque você sabe que existe né, e dai então eu sabia a oração que eu aprendi a oração com sete anos. Eu não gostava de ficar brincando com as menina, as amiguinha sabe, eu gostava de ficar, italiano falava nona, eu gostava de ficar com a minha nona, e eu exigia que ela lia a bíblia, eu exigia que ela rezasse, pra mim ouvi, e com isso aquilo foi encaixando em mim, foi encaixando, foi encaixando e hoje eu cheguei no ponto que eu tô, graças a Deus. (D.A., 19/03/2013)

Ah eu já, quando eu comecei já era, já de pequena já tive aquele dom né, então eu sofria muito e ai fui capaz de desenvolver mais ainda, graças a Deus, e dai comecei em benzer em casa, quando filho ficava doente, até gente grande, pra criança, e todo mundo que vem aqui graças a Deus acha que eu sou uma boa benzedeadas, Deus que abençoe né. (D.L., 19/03/2013)

É, assim sabe, ai, quer dize, é assim se eu visse alguém que chamava, que tava com uma dor, as vezes da onde eu tava eu fazia oração, se tivesse uma criança chorando eu dali eu fazia oração, depois de casado que eles foi descobri que eu benzia entendeu, assim sabe, ninguém sabia enquanto eu era solteira. (D.A., 22/03/2013)

No caso das três benzedeadas o benzimento surgiu como uma solução de emergência para problemas de saúde. A terceira benzedeadas (D.A.) nos contou uma longa história do dia em que descobriu seu dom. Tinha apenas dez anos, segundo ela ao segurar uma criança que chorava a dias sem parar no colo instantaneamente teve o instinto de pegar três raminhos e fazer uma oração para a menina, o que fez com que ela se acalmasse e nunca mais tivesse esse tipo de problema. É pertinente observar que na situação em que essas senhoras encontravam-se, muitas doenças que consideramos hoje banais e de fácil tratamento podiam levar à morte. Isso gerava uma grande insegurança, o índice de mortalidade infantil era muito grande,

os casos de mulheres que morriam no parto eram frequentes. Pensando na assistência médica pública em Cambé na década de 50, vemos como a população precisava de outros meios para sobreviver.

As práticas de rezas e manipulações de remédios caseiros perpassaram muitas gerações na família dessas senhoras. Atravessaram espaço e tempo, se readequaram e foram ao longo do tempo sendo resignificadas, e fizeram com que muitas soubessem lidar com situações de perigo e emergência. Segundo Mary del Priore a perpetuação do saber informal das mulheres sobre como curar doenças de seus próprios corpos possibilitou a continuação das tradições e dos costumes femininos (PRIORE,1997:81). A memória de aprendizagem e de contato é sempre apresentada na infância e na juventude, quando elas tinham contato maior com as mulheres da família.

Ao rememorem essas histórias de alguma forma legitimam a eficácia dos benzimentos no presente. Assim como observou em seus estudos Elda Rizzo de Oliveira, “quando indagamos a uma benzedeira como começou a benzer, ela vai narrar uma longa e detalhada história, onde mescla símbolos reais com mitos, para explicar que é possuidora de um dom” (OLIVEIRA, 1985:33). Através dessas memórias também podemos perceber como essa prática é tradicionalmente feminina, pois sempre ao mencionarem alguma aprendizagem nessa área as senhoras se referem a mulheres.

Nos casos analisados, as senhoras eram responsáveis não só pelos cuidados da casa, mas pelos cuidados com os filhos e deviam auxiliar nos trabalhos da roça. Cada uma delas enfrentou uma gama de dificuldades pertencentes ao universo feminino, uma das senhoras nunca se casou, mas teve filhos, em alguns momentos da entrevista ela nos mencionou que tinha que trabalhar em dobro para poder sozinha sustentar os filhos, veio sozinha para o Paraná e nunca mais viu ninguém da família, trabalhou na roça, em hotéis, de empregada doméstica, capinando lotes, segundo ela não tinha trabalho que ela não fizesse.

Outra era violentada pelo marido que não aceitava que ela realizasse os benzimentos, além dele ter alegado a vida toda que não é pai de um dos filhos, acusando-a de adultério. Em muitos momentos da entrevista inclusive ela

emocionou-se, além disso, na infância sofreu muito na família, pois era a filha mais velha, carregou logo cedo a responsabilidade de cuidar dos irmãos, de realizar os serviços da casa e ajudar na roça. Assim como aponta Maria Aparecida Moraes Silva, as horas de trabalho para as mulheres que trabalhavam nas lavouras do café eram maiores, sendo que em muitos casos utilizavam as madrugadas para realizarem os trabalhos domésticos. (SILVA, 1997:558).

Repletas de obrigações e deveres, impostas por uma sociedade patriarcal, em que a mulher é a responsável pelos filhos, casa e nestes casos pelo auxílio do sustento da casa, elas encontravam dificuldade em atender as demandas de benzimento da comunidade, assim como nos contou uma delas

(...) já benzia já alguns assim, meio escondido, falava pra eles ter cuidado não esparrama, porque eu tinha criança pequena, eu tinha que cuida das minha obrigação, e eu ainda ajudava o meu marido na roça, então eu não queria assim dá um alarme assim, porque eu não tinha muito tempo.(D.A., 19/03/2013)

Isso explica porque elas vão ter uma atuação maior na comunidade depois de uma idade já mais avançada, ou quando se mudam para a cidade e desempenham outras tarefas, podendo assim estar disponíveis quase em tempo integral para o atendimento. O benzimento representou também no âmbito familiar uma solução para remediar uma vida plena de dificuldades, a permanência da prática no âmbito social, representou por sua vez a aceitação na comunidade do poder e do dom dessas senhoras.

A Igreja Católica combateu as práticas populares de mulheres durante séculos, as estigmatizando à bruxaria. Laura de Mello e Souza observa que já em 1499 em Portugal, havia punição para quem realizasse benzimentos em animais, sendo condenado ao açoite e no caso das mulheres deportadas para Castro Marim (SOUZA, 1993:184). No Brasil colônia, a crença popular de que as mulheres detinham o poder de manipular forças do mal foi disseminada, e aqui também foi combatida, Mary del Priore ao analisar esse período nos fala sobre a perseguição dos inquisidores do Santo Ofício às benzedeiros e curandeiras que utilizavam orações do monopólio da Igreja para realizarem as curas, sendo acusadas de proferirem e pregarem palavras demoníacas (PRIORE, 1997:92). Há uma constante

10.4025/6cih.pphuem.519

contradição presente na relação dessas mulheres com a sociedade, ora elas atendem as necessidades da população, que as buscavam (e buscam) não por ser a única opção, mas por realmente acreditarem em seus poderes. Ora são discriminadas e recriminadas por realizarem ligações com forças do mal, realizando “feitiços” e trabalhos de “despacho”. Desse modo, são atacadas duas vezes “por serem mulheres, e por possuírem um saber que escapava ao controle da medicina e da Igreja” (PRIORE, 1997:108).

A perseguição que essas mulheres sofreram deixou estigmas para as mulheres de hoje. No início do ano buscamos algumas benzedeiros para entrevistar em Londrina, e encontramos muita resistência por parte delas, de ceder entrevistas, e em alguns casos de autorizar a utilização de entrevistas. O que representaria essa precaução? Hoje, todavia, as pessoas apresentam preconceitos com essas senhoras. Há alguns anos atrás, no Brasil, muitas pessoas ainda podiam ser presas condenadas por curandeirismo, assim como constatado por Elda Rizzo de Oliveira “se fizermos uma pesquisa nos jornais do final do século passado e início desse século, veremos claramente o modo irreverente e hostil como foram reprimidas as benzedeiros em suas atividades de cura e de benzeção” (OLIVEIRA, 1985:67).

As contradições presentes nas relações históricas das benzedeiros com a Igreja Católica e com a sociedade como um todo, nos faz refletir a forma como hoje elas se manifestam, através dos rituais, dos mitos, das rezas, das devoções e dos discursos. Bem sabemos da complexidade e da contrariedade iminente a natureza humana, somos todos diferentes, vivemos cada situação de uma forma particular, e por isso a tarefa de compreensão e interpretação das relações humanas é de tal complexidade. Acredito, portanto que o passo inicial seja refletir sobre a condição subjetiva dos sujeitos históricos, extrapolando as visíveis e conhecidas relações entre eles.

Apesar de praticarem rituais condenados pela Igreja e cultuarem em alguns casos entidades não enraizadas na fé cristã católica, as benzedeiros se identificam como católicas, em alguns momentos da fala inclusive exaltam e utilizam adjetivos carinhosos para explicitar a devoção e o amor na fé católica. Isso não as exime, nem as reprimem de frequentarem outras religiões, ou compartilharem de crenças

não católicas. O pertencimento ao catolicismo está para além da imposição e da evangelização da Igreja realizada desde o início da colonização, a ritualística e o mundo imagético das festividades e celebrações católicas deslumbram e vão muitas vezes de encontro com os anseios da população.

Durante séculos o catolicismo popular na América Latina reelaborou práticas que o cristianismo já havia adaptado de períodos ainda mais longínquos (ex.: simbologias oriundas das religiões “pagãs” gregas e romanas). A Igreja Católica incorporou simbologias presentes nas culturas indígenas e africanas, as enquadrando nas normas da instituição, oficializando e disciplinando práticas anteriormente vistas como pagãs, desse modo, popularizou-se no “novo” mundo e conquistou seu maior território em número de fiéis. Para Pierre Sanchis o catolicismo é propenso ao sincretismo, tendo como característica o culto “carregado de presença corporal e cósmica”, o destaque para as expressões simbólicas, engloba diferenças e encontros. (SANCHIS, 2001: 24)

A visualidade incentivada pela multiplicidade de santos e divindades sagradas presentes no catolicismo, criou abertura para a liberdade de organização de espaços fora do âmbito do templo oficial. É muito comum encontrarmos capelas particulares, espaços construídos para determinados santos (em alguns casos santos não oficiais), lugares de devoção que se apresentam em diferentes espacialidades. Além dos ambientes públicos de adoração, é comum a organização de altares e espaços de oração no âmbito doméstico.

Essas organizações particulares são muito interessantes porque refletem a vida do devoto, assim como a influência do universo religioso propagado pela instituição e pelas vivências da religiosidade popular. Nestes casos específicos o papel social das senhoras benzedoras estabelecendo relações constantes com a comunidade no espaço doméstico, gera uma maior visibilidade dos altares. Na maior parte dos casos, o altar pertence ao universo particular e restrito do devoto, localizado inclusive em cômodos íntimos, como o dormitório, com as benzedoras é diferente, porque as imagens são dispostas também para serem vistas pelos benzidos.

Podemos observar também a relação da quantidade de imagens de alguns santos presentes nos altares analisados com as dinâmicas sociais. Uma das benzedoras trabalha esporadicamente no centro de Umbanda de Cambé, apesar dessa dupla pertença religiosa, ela se coloca como incondicional devota de Nossa Senhora Aparecida, tendo realizado inclusive várias viagens à basílica da santa, essa devoção intensa a Nossa Senhora Aparecida é um fenômeno religioso nacional, e está relacionada com os mitos envoltos na imagem da santa propagados pelos fiéis e pelos próprios membros da Igreja. A construção histórica da imagem da santa é interessante para refletirmos as influências muitas vezes sutis que a política exerce na religiosidade particular das pessoas, neste caso “a memória individual se mescla com a presença de uma memória social” (PESAVENTO, 2005:95). A devoção e a exaltação da santa como padroeira e mãe dos brasileiros não aconteceu da noite para o dia e nem ao acaso, havia uma clara intenção política na construção da identidade da santa.

Além de inúmeras imagens de Nossa Senhora Aparecida, percebemos a presença muito grande de imagens de santas, além das várias representações da Virgem Maria, encontramos imagens de Santa Luzia, Santa Bárbara, Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Santa Cecília, Santa Terezinha, Santa Edvirges, Nossa Senhora do Carmo, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Graças, Santa Rita de Cássia, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora Auxiliadora. Essas são apenas as imagens de gesso e porcelana que encontramos nos altares, se elencássemos os quadros e pinturas espalhados pela casa, ocupariamos inúmeras páginas. A Igreja católica inicialmente condenou a pluralidade de devoções, herdada das religiões pagãs, mas para ser aceita e propagada incorporou símbolos e devoções das religiosidades que dominou.

Inicialmente podemos pensar o processo de formação do cristianismo, que “surgiu numa época e num contexto em que as Deusas-Mães tinham grande presença no mundo greco-romano e na Ásia Menor” (ROESE, 2010:184). Desse modo, instituiu a devoção à Virgem Maria, para manter sobre o controle as manifestações religiosas da época, aos poucos instituiu nos antigos lugares de devoção à Deusa Diana, templos dedicados à Virgem Maria, como aponta Anete

Roese, “Maria é colocada no lugar das Deusas, para impedir a força delas. Portanto, os artifícios do silenciamento são sagazes” (ROESE,2010:186). A partir disso, muitas santas foram canonizadas, sempre relacionadas a determinadas espacialidades. No período colonial e de expansão ultramarina do catolicismo o processo também foi o de incorporar características devocionais das religiosidades consideradas pagãs (religiões africanas e ameríndias), para assim obter a identificação da população com essas santas, o que gerava uma facilidade na conversão e catequização dos povos subjugados.

No entanto, a devoção e adoração às imagens sagradas femininas no catolicismo sempre causou desconforto à teologia monoteísta e patriarcal. Mas a religiosidade popular perpetua, reelabora e liberta das algemas da instituição permanece cultuando as divindades femininas, “como disse um fiel, após a procissão do dia de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro: “acima de Deus, só Nossa Senhora”” (ROESE, 2010:185). Desde os primórdios da humanidade há registros de veneração a imagens sagradas femininas, sendo que alguns vestígios arqueológicos comprovaram que a primeira religião venerava a Grande Deusa (VIEIRA, 2011:21). Segundo Eliade (1992) a adoração a divindades femininas está relacionada à ligação do homem com a terra, ao nascimento e a fertilidade. Desse modo, podemos dizer que a “adoração a imagens e divindades femininas nunca se apagou totalmente” (ROESE, 2010: 183).

As imagens sagradas femininas são encontradas também em outras religiões, além do cristianismo. Nas religiões afro-brasileiras, por exemplo, encontramos muitas referências femininas, além dos orixás femininos, podemos notar a interseção a imagens de índias, pretas velhas, ciganas e santas. Encontramos em alguns altares a imagem de Iemanjá, a popularidade dessa divindade é muito grande no Brasil, pertence ao universo popular, e correntemente a encontramos nas casas de fiéis católicos. A identificação dos brasileiros com ela perpassa os dogmas da instituição, refletida não apenas no âmbito público, através de festas e rituais, mas também no âmbito doméstico. Para Anete o culto da Grande Deusa é presente no Brasil através da adoração a Iemanjá, permaneceu dessa

10.4025/6cih.pphuem.519

forma, no imaginário dos fieis, “atravessando culturas, raças, etnias e religiões” (ROESE, 2010:186).

Percebemos a recorrência em algumas casas de quadros com a imagem da Joana d’Arc. Quando interrogados sobre a imagem os fiéis, apresentaram nas respostas um ponto em comum: o espírito corajoso e guerreiro dela. No entanto, ao narrarem a história da santa apresentam diferentes versões, uma das senhoras inclusive menciona que ela lutou na Segunda Guerra Mundial. A história de Joana d’Arc foi muito disseminada na religiosidade popular da Idade Média após ela ter sido queimada pela fogueira da Inquisição, as narrativas, mitos, discursos e símbolos que perpassam sua imagem foram propagados por toda a Europa nesse período. Depois com a colonização Ibérica, as práticas e cultos do catolicismo popular são incorporados no Brasil, gerando uma hibridização de signos e imagens.

Assim como várias santas e santos populares, Joana d’Arc foi canonizada apenas em 1920, mas esteve presente nas manifestações e práticas populares, desde que morreu (aproximadamente 1431). Sua história de vida criou um reconhecimento maior dos fieis, características como a morte precoce, a origem humilde, a coragem e a fé, geram uma identificação muito grande, principalmente entre as mulheres. Em uma pesquisa realizada em algumas escolas de Fortaleza, alunos de 8ª série foram interrogados sobre qual personagem histórico consideraram positivamente significativos na História. A resposta mais comum foi Jesus Cristo, em segundo lugar ficou a princesa Isabel e em terceiro Joana d’Arc, logo ao justificarem suas respostas, alegavam que ela tinha sido uma guerreira que lutou por um país melhor, que acreditava no povo, e que teve muita coragem. Segundo a pesquisadora, a maioria dos alunos que indicou Joana d’Arc era do sexo feminino. Ao realizamos pesquisas sobre a adoração da santa aqui no Brasil, percebemos como a identificação do povo brasileiro (principalmente das mulheres) está muito ligada aos mitos e lendas de seu espírito corajoso.

Ao investigarmos as histórias de vida dessas senhoras benzedeiças, podemos refletir além do papel que exercem na comunidade, as angústias e anseios que compartilham, assim como a memória individual. A condição feminina e

10.4025/6cih.pphuem.519

histórica delas as aproximou de determinadas devoções e atividades. Logo, possuem em especial uma identificação em comum: são cuidadoras.

Referências Bibliográficas

- CHAVES, FÁTIMA. *Personagens da História: Perspectivas de alunos portugueses e brasileiros em final da escolaridade básica*. Revista Currículo sem Fronteiras, vol. 7, n. 1, 2007, p. 10-27.
- MIRCEA, Eliade. *Imagens e Símbolos*. Tradução: Maria Adozinda Oliveira Soares. Lisboa, Portugal: Arcádia, 1979.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é Benzeção*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jatáhy. *História & História Cultural*. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PRIORE, Mary del. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In.: PRIORE, Mary del (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p.78-113.
- ROESE, Anete. *O silenciamento das Deusas na tradição interpretativa cristã- uma hermenêutica feminista*. Revista Aletria, vol. 20. n. 3, Belo Horizonte, 2010, p. 177-191.
- SANCHIS, Pierre. Religiões e Religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis & Cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp. 9- 57.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.6, n.2, jul-dez. 1990.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a bóia-fria. In.: PRIORE, Mary del (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p. 554-577.
- SOUZA, Giselda Shirley da. *Um cotidiano compartilhado- Entre práticas e representações de benzedeiros e raizeiros(Remanescente de Quilombo de*

10.4025/6cih.pphuem.519

Santana da Caatinga- MG/1999-2007). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo na terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

VIEIRA, Taís Borin. *Gênero e Religião: Paganismo e o culto à Deusa na contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.